

SANGUE, SUOR E CÉU

José Carlos Garbuglio*

RESUMO: Estudo do conto "A hora e vez de Augusto Matraga", considerando estrutura narrativa e personagem, reconhecíveis como embrião da totalidade da obra do autor. Identifica três etapas definitivas na ação do protagonista: busca de auto-afirmação; ressurreição e reencontro com a natureza e consigo mesmo; paz e plenitude compensatórias, que levam ao reconhecimento do espírito religioso ou misticismo bronco como uma das vertentes mais ricas em Guimarães Rosa.

UNITERMOS: Religião; valentia; bem x mal; misticismo; *Sagarana*.

O ano em que se comemora o cinquentenário da publicação de *Sagarana*, primeiro livro de contos de Guimarães Rosa, oferece excelente oportunidade não apenas para lembrar o escritor com homenagens e festas, mas sobretudo para estudar e divulgar sua obra, examinando-a com vagar, cuidado e profundidade. Seria a forma mais adequada de louvor para este, que é, sem dúvida, dos maiores prosadores da língua. Estudar especialmente os contos, onde se encontram belezas sem par e soluções narrativas, assim como temáticas, que poderão ajudar a melhor compreender seus trabalhos mais complexos e ambiciosos.

Nossa contribuição se resume ao estudo de alguns aspectos do conto "A hora e vez de Augusto Matraga", porque ele sempre me pareceu dos mais importantes no conjunto de sua obra, quer pelas qualidades intrínsecas, quer pelo que deixa como indicação temática e potencialidades narrativas, inclusive de *Grande sertão: veredas*.

O conto "A hora e vez de Augusto Matraga"¹ se estrutura segundo três etapas diversas e sucessivas, como se fossem três momentos a serem vencidos para implantação da consciência de um homem que consegue ultrapassar-se para afirmar sua grandeza e sua unidade.

* Professor de Literatura Brasileira - FFLCH/USP.

1. ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. 15. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1972. As páginas das citações serão indicadas entre parênteses, no texto.

Num primeiro momento, o personagem aparece em busca de auto-afirmação, de acordo com os princípios do grupo que o cerca, no qual sobressaem a idéia de machismo e o princípio da violência. O traço dominante do personagem nesta fase é a irresponsabilidade, característica do valentão. Toda sua ação se canaliza para o mal - prazeres físicos, libido, valentia, heresia - que identifica um espírito desviado da boa rota, quando observada a partir de um ótica religiosa. No plano da linguagem predominam os termos indicadores de "pecado" e mesmo de sacrilégio, por força dos lugares onde se afirma essa característica: é defronte da igreja que surra o "capião" que se enamorou da Sariema, é no adro da igreja que a rejeita e espanca. Acrescente-se ainda as brigas com a esposa e a desconsideração para com a filha, e está criado o quadro ideal do pecador, do homem com dívidas a pagar.

O espaço onde se desenvolve a ação, nesta primeira etapa, apresenta total abertura para atitudes que não conhecem fronteiras nem freios. Onde, portanto, tudo é possível. Livre para agir, sob os aplausos do grupo, campo aberto e disponibilidade, a ação de Matraga se orienta expressamente para o mal. Identificado com os ingredientes mundanos, o personagem se encontra afastado da esfera religiosa, assim como de qualquer sentimento ou ligação com a natureza, de resto quase ausente dessa primeira parte do conto. Assim, ao encarnar os valores do grupo que erigiu a violência como norma, Matraga não existe como individualidade. "Duro, doido e sem detença, como um bicho grande do mato" Matraga é "que nem cobra má, que quem vê tem de matar por obrigação". (p. 333).

Na verdade, "Matraga não é Matraga, não é nada", ou mais explicitamente "era couro ainda por curtir", ou ainda simplesmente "o homem", isto é, o escolhido, submetido a partir de então às duras provas para poder manifestar seus valores mais profundos e, deste modo, afirmar sua individualidade. Dentro desse projeto, esta primeira parte se organiza para dimensionar o desvio sofrido pelo homem, mostrando-o no exercício da degradação que resvala freqüentemente pela baixeza. Ao mesmo tempo, entretanto, se está preparando o processo de redenção, uma vez cumpridos os seus desígnios. É deste modo que se compreendem os elementos recessivos, indicadores das possibilidades de reabilitação e conversão: "Quem criou Nhô Augusto foi a avó... Queria o menino p'ra padre... Rezar, rezar, o tempo todo, santimônia e ladainha..." (p. 331). Dados constituintes do lastro mais profundo, porém, adormecidos do personagem, prontos ao ressurgimento, uma vez criadas as condições para tanto.

As condições ocorrem como conseqüência natural de sua turbulência e da ausência de freios que acabam por deixá-lo à mercê de seus inimigos. Abandonado pela mulher e pelos bate-paus, Matraga percebe-se, repentinamente, só, quando aceita o desafio do major Consilva, cujos capangas, entre os quais se encontram seus ex-guarda-costas, aplicam-lhe tremenda surra que o leva à morte... quase. O ritual da surra deve terminar com o estigma final dessa fase, que vem a ser o símbolo de propriedade do Major. Em estado de morto, Matraga será marcado com o ferro em brasa com que se marca e identifica o gado do proprietário. É nesse instante que do corpo exangue surge o alento e um resto de vida: "recuaram todos, num susto, porque Nhô Augusto viveu-se, com um berro e um salto, medonhos". (p. 336).

Neste “viveu-se”, de sentido reflexivo, raro na língua, fica clara a idéia de que o salto extremo para o fundo do abismo foi a conquista da vida, alcançada num halo de agonia. Vida não apenas no sentido de ter escapado da morte, mas também e, principalmente, no de alcance das possibilidades de mudar o curso da existência, até então comprometida, para um rumo diferente. Realidade providencial, a surra é símbolo de ultrapassagem, ao criar condições ao aparecimento e construção do novo homem que vai emergir de dentro do “homem acabado”. Há, pois, toda uma conotação religiosa que permite denominar este primeiro bloco do conto de momento do pecado ou *mundano*, em paralelismo com os demais blocos, como se verá logo mais.

O segundo bloco ou momento se inicia com o salto para o fundo do abismo e o recolhimento de Matraga pelo casal de pretos que dele vai cuidar física e espiritualmente, até curá-lo. Observe-se que esse desnível de espaço apresenta um significado muito forte, tanto na ação do conto quanto do ponto de vista religioso. O espaço se fecha, dobrando-se sobre si mesmo, favorece a concentração, obriga a reconsideração de atos passados, ajuda a reflexão. De dentro da velha carcaça de Augusto Matraga brota um novo homem, pronto a cumprir seu destino. Correspondendo a um novo mundo, o espaço se reduz e assume outra feição. Do sentido de oposição, característico do primeiro momento, passa-se para o sentido de aproximação; a paisagem assume papel fundamental a partir daqui e determina o próprio andamento da ação. A natureza se converte em mestre, estabelecendo-se um estreito paralelismo entre a ação humana e os ciclos naturais. O afastamento do seu primeiro mundo se faz de forma completa e de modo irreversível: “Mas ter sua família, direito, outra vez, nunca mais. Nem a filha. Para sempre... E era como se tivesse caído num fundo de abismo, em outro mundo distante.” (p. 338).

No primeiro momento, natureza e Matraga são duas forças distantes e inconciliáveis. Agora se atraem, completam e integram, num processo de interdependência geral. Na verdade, natureza e homem se inter-refletem, configurando aquele aspecto de complementaridade. Os ritmos genésicos atuam em sua renovação. O homem passa a ser projeção da natureza e esta prolongamento daquele, em clara simbologia de regresso ao ventre materno, ao regaço primordial. A terra acolhe o personagem e o repurifica. Dá-se um verdadeiro renascimento na estreita relação entre os ciclos naturais e a ação humana, num processo de interespelhamento. Efetuando seus impulsos em harmonia com o meio, o homem faz desaparecer o caráter opositivo daquele primeiro momento. Em relação, pois, ao primeiro momento, estamos em outro mundo, acolhedor, não opositor.

O segundo momento comporta uma tríplice divisão, em fases sucessivas e complementares. Em consonância com a primeira, podemos chamar esta fase de etapa da purgação ou ascética.

Sua fase inicial é, indiscutivelmente, a do *limbo*. Momento da cura e da reconsideração, tudo se passa agora numa atmosfera escura. A luz desaparece. Incertezas e insegurança acompanham-lhe os ritmos da vida que periga a cada minuto. Ao sofrimento físico acrescenta-se o sofrimento moral de quem quer abando-

nar a vida. Cria-se uma sucessão pendular de esperança e abatimento, através de um lento processo de recuperação das virtudes perdidas ou amortecidas. Reaparece a simplicidade, ao mesmo tempo em que se efetua a aproximação com as coisas e os atos desinteressados. A arrogância se transforma em humildade; o valentão vadio, em pacato trabalhador. O aprendizado religioso da infância, sufocado na fase anterior, ressurgue como traço recessivo, depositado no fundo da consciência. Os ritmos tônicos compõem e recompõem as forças de Matraga, que volta a reaprender as orações da infância já esquecidas:

“Meses não são dias, e a vida era aquela no chão da choupana. Nhô Augusto comia, fumava, pensava e dormia. E tinha pequenas esperanças: de amanhã em diante o lado de cá vai doer menos, se Deus quiser... E voltou a recordar todas as rezas aprendidas na meninice, com a avó. Todas e muitas mais, mesmo as mais bobas de tanta deformação e mistura: as que o preto engrolava, ao lavar-lhe com creolina a ferida da perna, e as que a preta murmurava [...]”. (p. 339-40).

Assim, ao mesmo tempo em que recobra a crença em Deus, transformado em seu suporte mais consistente, eliminam-se os restos daquela primeira fase, libertando-lhe a memória do peso incômodo, das culpas acumuladas até então.

O clima predominante, como já vimos, é a ausência de luz, lembrando sempre a idéia de purgatório. A dor e o sofrimento, decorrentes da surra, estimulam-se pela recuperação da consciência dos fatos passados e lhe dão a certeza de vida distorcida para o mal e a necessidade de apagá-lo, como condição para adquirir o direito à regeneração, à purificação e, por fim, à salvação.

A segunda fase dessa etapa é verdadeiramente a *ressurreição*. Augusto Matraga sente a volta do alento e a devolução da vida, conquista atribuída ao poder da vontade. Composta em estreito paralelismo com os ciclos da natureza, é, por excelência, o momento da esperança e da renovação:

“Até que, pouco a pouco, devagarinho, imperceptível, alguma coisa pegou a querer voltar para ele, a crescer-lhe de dentro para fora, sorradeira como a chegada do tempo das águas, que vinha vindo paralela: com o calor dos dias aumentando, e os dias cada vez maiores, e o João-de-barro construindo casa nova, e as sementinhas que hibernavam na poeira, esperando na poeira em misteriosas incubações” (p. 347).

O homem regressa ao seio da mãe natureza e com ela acerta o compasso da existência. Esta volta ao regaço primordial, de que ele se havia afastado, permite o reencontro consigo mesmo, e o reencontro da paz e harmonia, numa clara alusão de que é preciso regressar ao meio natural para se reinvestir do sentido profundo da existência.

Esse reencontro consigo mesmo corresponde ao aparecimento dos primeiros desafios, pondo-o agora em face dum processo de sucessivas experimentações, como condição para a conquista definitiva. E as provações surgem porque “a força

da vida latejava dentro dele, em ondas largas, numa tensão confortante, que era um regresso e um ressurgimento. Assim, sim, que era bom fazer penitência, com a tentação estimulando, com o resto do terreno conquistado, com o perigo e tudo.” (p. 356).

De fato, aqui ocorrem as primeiras e mais duras tentações do novo homem. Quando a confiança e a plenitude iniciam a sedimentação, dá-se o inesperado. Um velho conhecido, Tião da Teresa, traz-lhe tristes notícias da ex-família: a mulher continua com o amante e a filha perdeu-se na vida. O que parecia distante e perdido no tempo chega com rara violência, um impacto e um desafio.

Depois da conversão e de tanto tempo decorrido, o antigo mundo sobrevém como um terremoto e estabelece um insólito vínculo entre o velho e o novo, sacudindo os restos quase apagados do seu machismo, experimentando sua resistência. Mas convencido de seu estatuto atual, o personagem consegue ver o mundo do passado como longínqua realidade, incapaz de afetar-lhe o comportamento ou provocar virada mais brusca. Se as notícias reabrem as feridas e aumentam o sofrimento, sua função básica, no entanto, é estabelecer em definitivo o ponto de separação entre os tempos e tornar evidente a impossibilidade de retorno. Marcam de vez o ingresso na fase de experimentações e tentações mais duras. Assim também a ressurreição da carne e dos desejos encarados, porém, doravante, como fatos naturais e normais, sem o estigma do pecado. A tentação maior, entretanto, é o aparecimento do terrível jagunço Joãozinho Bem-Bem. Entre ambos se estabelece de pronto uma profunda afinidade e uma ligação afetiva que tornam possível todo tipo de conseqüência de resultados imprevisíveis. Pondo-se ao dispor de Matruga, Joãozinho Bem-Bem viabiliza o ato de vingança e, portanto, de revanche. Matruga resiste ao apelo do jagunço e doma o impulso do próprio instinto. Deixa patente sua conquista efetiva e, ao que tudo indica, definitiva de paz e harmonia internas que não deseja perder. Deste modo, pode-se dizer que está aberto o caminho para a salvação final. Acontecimentos casuais facultam o seu encontro.

Esta fase se encerra com o coroamento de Matruga e o mergulha numa esfera de paz e plenitude compensatórias. A natureza a projeta, espelhando sua ligação com o homem: “De repente, na altura, a manhã gargalhou: um bando de maitacas passava, tinindo guizos, partindo vidros, estralejando de rir. E outro. Mais outro. E ainda outro, mais baixo, com as maitacas verdinhas, grulhantes, gralhantes, incapazes de acertarem as vozes na disciplina de um coro” (p. 357). E muitos outros pássaros que se encaminham para o alto, numa simbologia da ascensão, rumo ao espaço celeste, selando o coroamento do personagem. Purgado dos pecados, Matruga está pronto para receber o aviso final. Ora, a passagem das aves rumo ao norte funciona como advertência e chamamento, indicando a direção e a hora da partida. É chegada a vez de dar cumprimento ao destino,

“Longe, onde?

“Como corisca, como ronca a trovoada,
no meu sertão, na minha terra abençoada...”

“Longe, onde?

“Quero ir namorar com as pequenas,
“Com as morenas do Norte de Minas...” (p. 358).

A cantiga, cortando a linha narrativa central, funciona como mote, sintetizando os rumos a seguir e o destino a completar. Agora, purgado dos pecados, das dívidas e dúvidas, Augusto Matraga inicia o processo de ascese, tocado pela pureza e pela simplicidade, dando expansão à alegria e às pequenas coisas. É assim que parte para outro espaço, iniciando a terceira e última etapa do percurso em que se patenteia a idéia-força que impulsiona seus atos: O “eu vou para o céu nem que seja a porrete” convertido em lema, atua como suporte de uma vontade inquebrantável e move decididamente seus passos. Dessa forma, ao mesmo tempo em que descarta o providencialismo, afirma o aspecto rústico-religioso-voluntarioso, carregado de primitivismo e superstição, que é produto de um conceito popular, bastante disseminado, de ascensão por via da qual se depara com a divindade.

Superada a fase do limbo, o espaço se abre em todas as direções. A natureza se torna amena, acolhedora e familiar. Dela se aproxima definitivamente Augusto Matraga, conciliado e irmanado. Está maduro, pronto para o ato final. Deixa a casa dos pretos que o acolheram maternalmente e, num percurso sempre ascendente, em simbólica subida para as alturas, dirige-se para o Norte. O alcance da paz interior que o domina agora, revela-se no canto e no amor das coisas simples, seu último atributo: “Cantar, só, não fazia mal, não era pecado. As estradas cantavam. E ele achava muitas coisas bonitas, e tudo era mesmo bonito, como são todas as coisas nos caminhos do sertão”, e “pela primeira vez na sua vida, se extasiou com as pinturas do poente, com os três coqueiros subindo na linha da montanha para se recortarem num fundo alaranjado, onde, na descida do sol, muitas nuvens pegam fogo”. (p. 360). O traço marcante desta conquista é a ausência de preocupação, o sentido de liberdade incorporada. Desta sorte, sua caminhada pode ser feita não apenas sem rumo definido, mas às cegas, sem qualquer espécie de cuidado, pois ele confia inteiramente na força do destino que lhe está reservado. Estas aproximações tornam-se evidentes quando se dá o encontro de Matraga com o cego, guiado pelo bode, contra a imagem de Matraga guiado pelo jegue, que é, como o bode, quem escolhe o caminho e determina a direção a seguir: o reencontro com Joãozinho Bem-Bem, encarnação da violência e do arbítrio, é a força do mal que precisa ser eliminada para atingir a esfera da plenitude e nela poder gozar das benesses celestes. São duas forças opostas que se atraem, pondo-se face a face, para vitória de uma delas. Última barreira de suas conquistas, Matraga sente no ar o momento decisivo. Mas, ao destruir o inimigo, morre também para ganhar direito ao ingresso no outro mundo, cumprindo-se à risca o “P’ra o céu eu vou, nem que seja a porrete”. (p. 344).

O reencontro ocorre no momento em que Joãozinho Bem-Bem se prepara para justificar uma família de inocentes. Não conseguindo demovê-lo de seus propósitos, apesar dos rogos de clemência e comiseração, o pai apela para uma força capaz de abatê-lo: “Pois, então, satanaz, eu chamo a força de Deus p’ra ajudar

minha fraqueza no ferro da tua força maldita!...” (p. 366). É como se fosse um chamamento. Açulado, Matraga assume a força do bem e elimina seu oponente, mas é eliminado ao mesmo tempo. A luta que começa dentro da igreja, isto é, num espaço sagrado, termina a céu aberto com o personagem contemplando o infinito, por onde ascende sua alma liberta de conflitos. Sobrevinda a conciliação final e total, com tudo e com todos, Matraga, livre, repousa na harmonia completa. O sentido de plenitude, alcançado nesse derradeiro lance, indica o ingresso na região celeste, como prêmio da vontade férrea e confirma o caráter eletivo do homem e sua salvação.

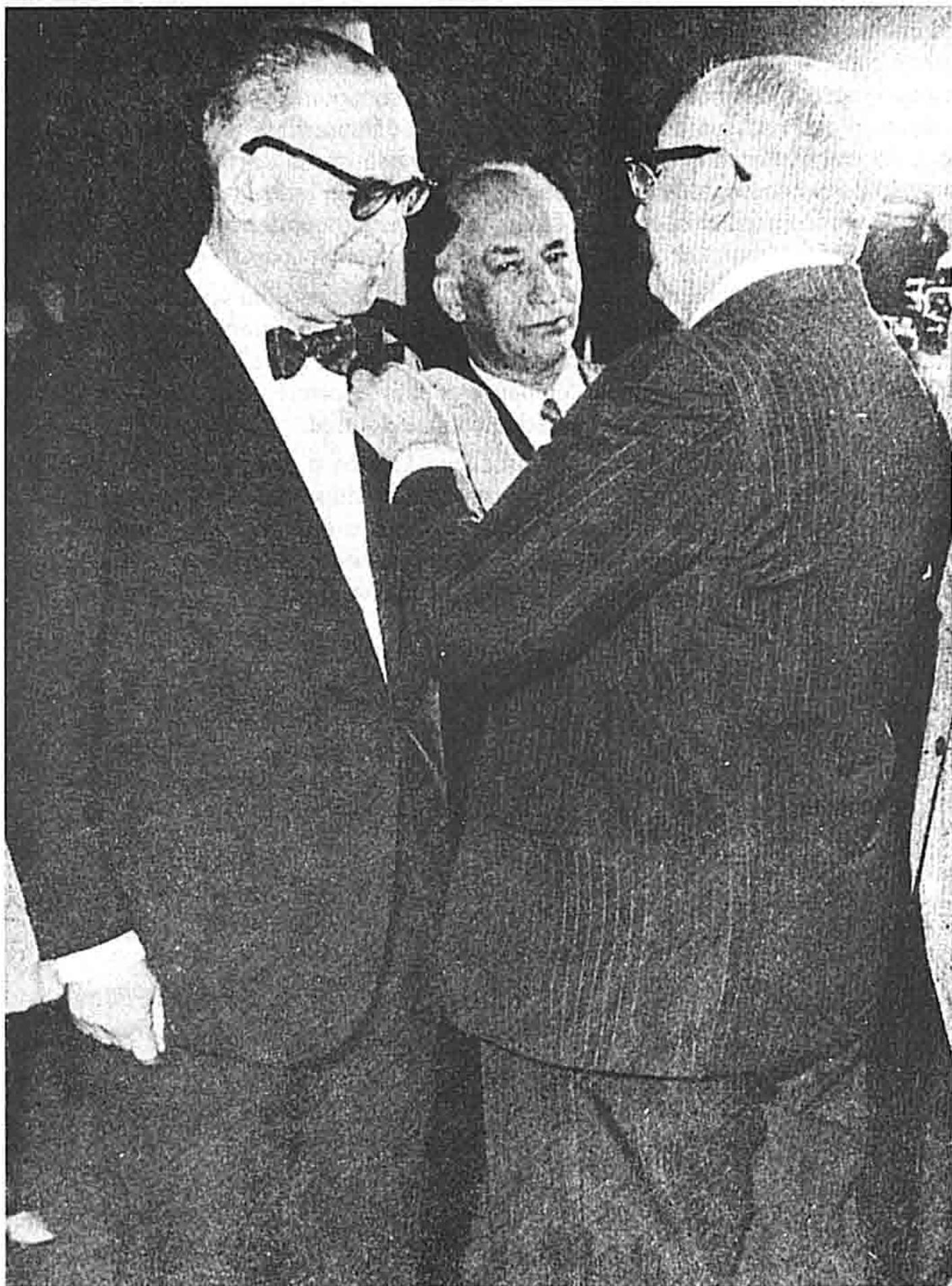
A luta final põe em ação duas forças equivalentes: uma voltada para o mal, outra para o bem. É justamente o poder do inimigo que dá grandeza épica à disputa, justifica a luta como forma tosca de entrar no “céu” e cristaliza a idéia matriz que empurra Matraga: eu vou para o céu nem que seja a porrete, que é verdadeiramente como encontra a paz e tranqüilidade beatífica do final.

Este espírito religioso, ou o misticismo bronco e primitivo que ressalta do comportamento de Matraga constitui uma das vertentes mais ricas da obra de Guimarães Rosa e é retomada com freqüência em seus contos. Em *Grande sertão: veredas* se converte numa dramática busca das raízes da existência, já agora num plano metafísico, com envoltimentos mais complexos.

BLOOD, SWEAT AND SKY

ABSTRACT: A study about the short story “A hora e vez de Augusto Matraga”, the text approaches the character and the structure of the narrative, recognized as the embryo of the author’s works. It identifies three definite moments in the action of the main character: the search for self-assurance, the resurrection and reintegration with nature and with himself; and the compensatory peace and plenitude that lead to the recognition of the religious spirit or “rough” mysticism as one of the richest facets of Guimarães Rosa.

KEYWORDS: Religion; boldness; good x evil; mysticism; *Sagarana*.



Juracy Magalhães, Ministro das Relações Exteriores, em nome do Governo da República, condecora João Guimarães Rosa com a Ordem do Rio Branco, 1966. In: Vários Autores. *Em memória de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1968.